

POEMEMES



MARCELO MOURÃO

MARCELO MOURÃO

POEMEMES

2021

Copyright © 2021 by Marcelo Mourão

Capa: Jeff Fonseca

Diagramação e ideia da capa: Marcelo Mourão

Revisão: Marcelo Mourão e Cláudia Manzolillo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mourão, Marcelo

Poememes [livro eletrônico] / Marcelo Mourão. --

1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2021.

PDF

ISBN 978-65-00-17975-0

1. Expressões poéticas 2. Poesia brasileira

I. Título.

21-57726

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610 de 19/02/1998, artigo 29 e seus incisos. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográfico, gravação ou quaisquer outros.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2021

Agradecimentos

Quero agradecer, com muito carinho,

a José Henrique Calazans, Laura Esteves e Tanussi Cardoso por suas amizades e pela leitura crítica que fizeram deste meu trabalho;

a Joaquim Branco e Luciana Barreto, cujos textos acabaram por agregar um valor maior a esta obra;

a Cláudia Manzolillo, amiga tão querida, que me ajudou muito na revisão e na apreciação destes poememes.

Este livro é dedicado à minha mãe, Mariléa Ribeiro Vieira,
que é a pessoa mais importante da minha vida.

APRESENTAÇÃO

Joaquim Branco

O poeta Marcelo Mourão, com este seu terceiro livro de poemas, continua e se afirma como um vanguardista em sua trajetória.

Poememes, como o próprio título mostra, inaugura praticamente um elo entre poesia e os tão conhecidos memes da atualidade. Um difícil amálgama que o poeta concretiza – literalmente – nesta insólita aventura.

Usando e abusando das cores, Marcelo cria um universo de texto/imagem no qual transita, como jovem poeta, com imensa facilidade no mundo dos Facebook, Instagram, WhatsApp, blogs e outros sites e apps onde estão essas instigantes criações populares.

Num texto de apresentação, fica meio difícil transcrever na integralidade seus trabalhos, porém o leitor poderá, nas páginas seguintes, ver e examinar à vontade como o poeta cria seus artefatos, colocando-se, muitas vezes, dentro das imagens como personagem de si próprio.

Aqui estão peças que vão do cotidiano simples ao forte subjetivismo, passando invariavelmente pelo irônico.

O poeta pensa em “Duelo”, e o balão de HQ explica: “minha meta hoje/ eu até prevejo/ é a mesma de sempre:/ não criar confusão comigo mesmo.” (p. 29)

Em “Enigma”, Mourão parte para o fortemente social: “Se é de vidro a casa grande/ e é possível quebrá-la, / por que ainda vemos festa, / e não guerra, partir da senzala?” (p. 31)

Na desmistificação do amor, pode-se ver em “Eros sem halo”: “O amor não é sacro/ o que pode sangrar/ jamais será sagrado.” (p. 32)

Cito entre os que mais me chamaram a atenção: “Fardo árduo”, “Flores do Mal”, “InsPiração”, “Má temática”, “Macronaíma” e “Castelo de areia”.

A habilidosa junção entre texto e imagem vai encaixando temas variados que vão do sexo às dúvidas sobre a vida, da liberdade aos regimes ditatoriais, da natureza à politicagem, do caos à euforia e dela às pedras do caminho, sem contar as intertextualidades que estão em toda parte.

Enfim, nada melhor do que ir direto à leitura. Os poemas de Marcelo Mourão – aqui poememes – tanto valem pela novidade que trazem como pelos minutos em que podem ser lidos e mais ainda pela reflexão que vão trazer para todos os leitores que se aventurarem por essas páginas tão bem produzidas.

Joaquim Branco, poeta, crítico de arte e professor de literatura

PREFÁCIO

Poemas a serem afixados

Luciana Barreto

Ao adentrarmos estes poememes, sentimo-nos, de imediato, convidados a um envolvente – e provocativo – passeio por entre ruelas, becos, avenidas, em que paramos, avançamos, recuamos e voltamos a cada poema visual composto como quem grafita muros e afixa cartazes. E é a partir da derruída, porém fascinante, paisagem urbana que o autor carioca Marcelo Mourão aqui modula a sua *urbe* poética, ressoando e fusionando, em seus sagazes e bem-humorados constructos gráficos, o brado político, o desconcerto existencial, as aporias do amor.

Em seu terceiro livro de poemas, o autor, deliberadamente, abdica do tradicional gênero disposto em versos – metrificadas ou livres – para recorrer à linguagem memética ancorada nas redes eletrônicas e propagada velozmente nos ambientes virtuais. Encampa, assim, tanto a realidade social circundante quanto a própria subjetividade ante os espantos que se renovam cotidianamente. Frente a fatos políticos que beiram o insólito, a rasgos românticos e derrapagens no campo amoroso, bem como brincadeiras existenciais e intertextos diversos, o humor – costumeiramente disposto em caricaturas, charges e cartuns, no arco palavra e imagem – ajusta-se ao propósito da mensagem rápida, da comunicação imediata e sintética.

Eis uma das chaves distintivas nesta obra: a dilatação do real, o exagero ridicularizado, as zombarias desferidas a inimigos reais e imaginários, além das autocaricaturas deliberadas, dadas as chacotas de si mesmo por parte do poeta, o qual se coloca como autor e personagem dos seus próprios poememes. Em sua proposta plástica, Mourão parece valer-se ainda da estética dos cartazes russos e da escola alemã Bauhaus, incorporando as possibilidades das novas mídias em sua linguagem visual.

Também cabe sublinhar a singularidade de seu conceito de “poememes”, o qual, segundo o próprio autor, após uma ampla pesquisa na internet, é ainda intocado, inédito.

Sabidamente, já na virada do século 19 para o 20, antecedendo as vanguardas históricas, os poetas iniciaram a marcha de subversão da métrica e do fusionalismo dos gêneros, cuja atitude estética foi expandida e fixada pelos movimentos modernistas, programaticamente preocupados em revolucionar radicalmente as modalidades e as finalidades da arte. Nesse fervilhante leito cultural, em que tanto se valorizava o caráter multifacetado e fragmentário da experiência com a palavra, despontaram também as poesias visuais, não lineares, analógicas e não verbais segundo experimentações diversas na organização espacial, rítmica e semântica do texto poético.

E em plena segunda década do século 21 – em que incertezas e instabilidades de toda ordem são assumidas e arrastadas para a práxis literária, seja como princípio compositivo, seja a partir de irrestritas permissividades temáticas e liberdades formais –, os poememes de Marcelo Mourão consubstanciam uma síntese desafiadora da expressão artística do pós-modernismo, notoriamente o movimento de pilhagem da história, do ajuntamento espontâneo, irreverente, e até superficial, de situações do passado e do presente. Lyotard, um dos grandes pensadores da condição pós-moderna, demarca esse novo modo de organização do pensamento a partir da sociedade pós-industrial, irreversivelmente imersa em cenários cibernéticos, cujas tecnologias de informação no ambiente da internet impactam diretamente os saberes. E a proposta do poeta vem nessa direção pós-modernista: “mesclar uma linguagem nascida e propagada nas redes sociais – a linguagem memética – com o bom e velho poema”, como havia me explicado, anteriormente, o próprio Mourão.

Atento a isso, acadêmico e estudioso de Literatura que é, Marcelo bebe justamente deste caldo: do enredamento ruidoso de fatos e boatos, bem como das nuvens dispersas e transitórias de informações, que se volatizam vertiginosamente na escalada tanto de notícias sustentadas quanto de *fake news* diversas, as quais, a olhos justos e sensatos, soam como inverossímeis, mas acabam por se inscrever, de modo agudo e grave, no imaginário popular. Em *Teleguiado*, por exemplo, alerta que “O pior robô que há/ é aquele que/ se deixou programar”; em *Autômatos*, marca sua posição crítica no cenário atual: “Como de costume, / é mais fácil e automático/ seguir o cardume”. Alguns são os momentos em que acende provocações ideológicas, como em: “o capitalismo/ sempre arreganha os dentes/ seja pra sorrir/ ou devorar” (no poema *Canino*), ou, acerca do comunismo, quando indaga, em mais um jogo de palavras, “o martelo/ amar tê-lo? // &// a foice? / foi-se? // dínamo/ dormindo/ ou/ já morto? ”, (em *Comunismo*).

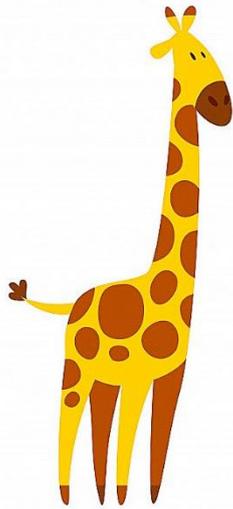
A minha primeira leitura de *Poememes* levou-me, de imediato, à formulação teórica proposta por Johan Huizinga, em *Homo Ludens* (1938), quanto ao entendimento da experiência artística que imprime especial relevo aos elementos estruturais comuns à arte e ao jogo em todo o seu feixe de desconcerto e suspensão do tempo e espaço ditos reais. É exatamente nessa juntura lúdica que transcorrem os memes poéticos de Mourão, nem sempre, porém, somente aprazíveis ou divertidos, mas, sobretudo, melancólicos e sagazes dardos irradiadores de provocações e reflexões, a partir de bricolagens compostas pelo próprio autor. E apenas seriam compreendidos como despreziosos em uma visada ligeira e superficial, pois a um leitor atento avultam as camadas de intertextualidade – Bosch, Brecht, Baudelaire, Mário de Andrade, entre tantas outras.

Enfim, mais do que simplesmente lidos, os poememes de Marcelo Mourão devem ser igualmente vistos e, ainda, degustados com o devido

vagar de quem sorve humor com inteligência, ironia com malícia – em um processo que exige um leitor/espectador iniciado, astuto.

Em meio a anagramas e jogos, bossas e troças, quadras, haicais e poemas-minutos, em nós resta a desdobrável equação pós-moderna lançada pelos duplos e múltiplos do poeta: “eu sou mínimo/ eu sou múltiplo/ eu sou comum/ mas = a mim/ não há nem 1” (no poema “M.M.C.”). Vale (e muito!) assumirmos, prazerosamente, a postura do *flâneur* e excursionarmos nestas tantas deambulações, nestes poememes que merecem estampar murais, suscitar polêmicas e – velozes – avançarem ruas afora, mentes adentro.

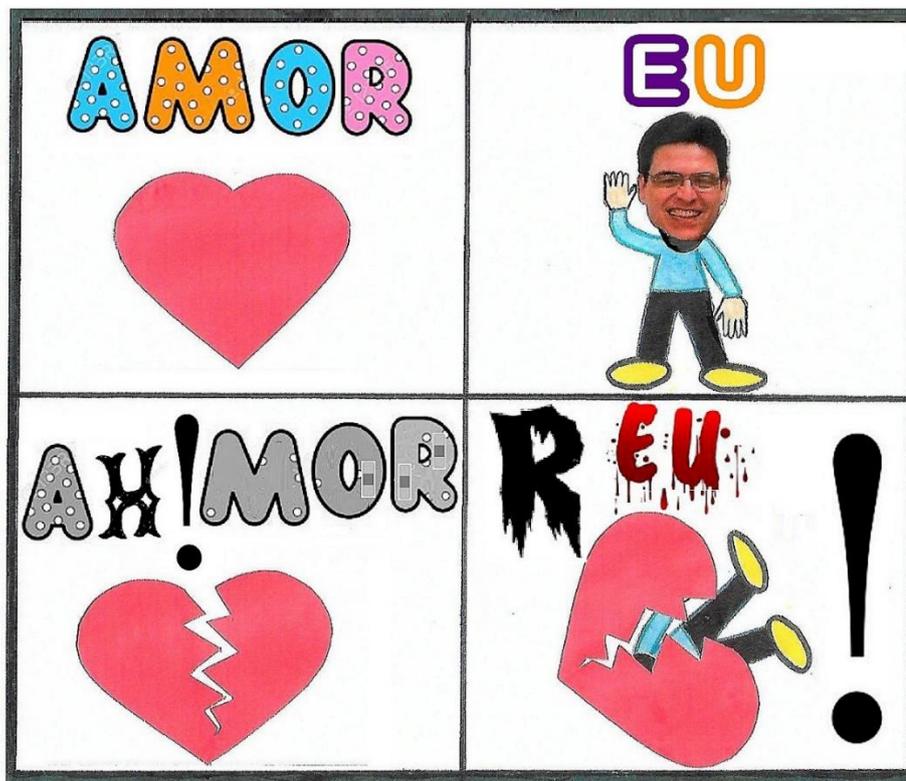
Luciana Barreto, poeta, crítica literária e prof.a Dr.a em Literatura Brasileira (UnB)



A girafa

Se o amor fosse um bicho,
podia ser uma girafa.
Bela, forte, altaneira, esguia,
de pescoço tão comprido
que parece chegar ao céu
sem, de fato, nunca ter ido.

AMOR TECE DOR



Assombrações

**os homens
sempre tiveram medo
de espíritos**

**sejam eles mortos
sejam eles vivos**

**que ousem voar
livres**



ATENÇÃO

**Não plante
em teus planos
quem não está
pronto pros
teus prantos**

Autômatos

Como de costume,



seguir o cardume.

é mais fácil e automático



Autoresgate

queimei velhas certezas
explodi antigos cárceres
abri por fim meus braços

mantenho comigo o vento
que é quem sustenta
o voo dos pássaros

BAIXA TATIVIDADE





BALANÇO DO BARCO

cordeiro de deus
que tiras o pecado do mundo
não há como nos dar paz

viver é vaivém ininterrupto
algo sempre falta, excede
ou está fora de lugar

só alcançaram a paz
os que não existem mais

BICHO SOLTO

Se de verdade eu te amo,
não devo cobrar reciprocidade.
Pássaro feliz não tem dono
e só fica onde está à vontade.



Canino

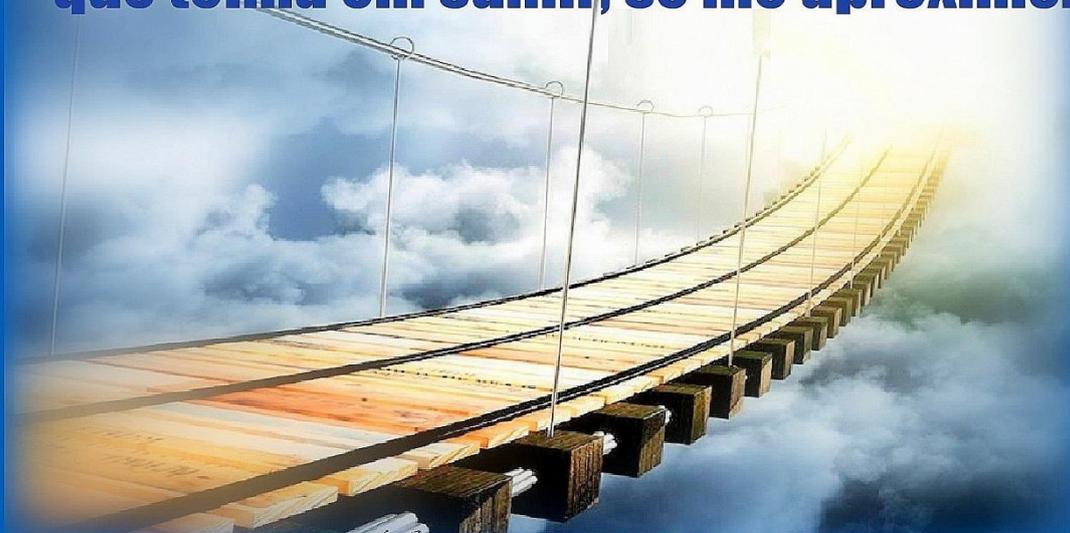
o capitalismo
sempre arreganha os dentes
seja pra sorrir
ou devorar



um cão selvagem
é sempre um cão selvagem
inclusive quando
calmo ele está

Castelo de areia

**Sofrer é a pedra no caminho.
Uma ponte entre o real e o sonho
que teima em sumir, se me aproximo.**



Comunismo

o martelo:
amar tê-lo?

&

a foice?
foi-se?

dínamo
dormindo
ou
já morto?



CORPO ESTRANHO

*Quando olhaste bem nos olhos meus,
e o teu olhar era de adeus,
eu disse: “bye bye, vai com Deus.*



**Não consigo chorar
pelo que nunca foi meu.”**



CUIDADO

ÁREA DE RISCO
RISCO DA ÁREA
RISCO DIÁRIO

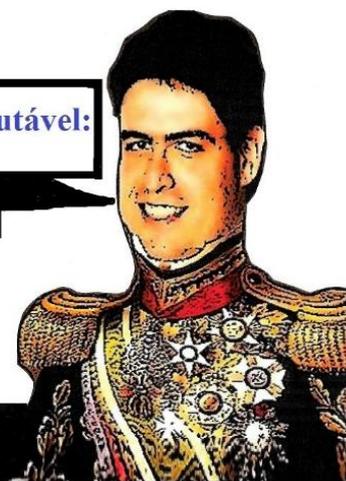


CURUPIRA

Meu país é uma enorme Canudos.



Nosso câmbio centenário é imutável:
um sorriso bem-nutrido vale
[um rio de lágrimas.



Nosso eterno namoro é com o trágico.

Aqui não há futuro. Só passados.





DEJETOS

quem não vale nada
descarto dando
descarga na privada

DESCOLADO





Deslimite

Canta o passarinho
mesmo preso
na gaiola
liberdade
voa dentro
até se o voo
for cá fora.

Destempero



e tudo mais vira hiper tensão.

D
U
E
L
O

Minha meta pra hoje
eu até prevejo
é a mesma de sempre:
não criar confusão
comigo mesmo





Duplo

**Algo que em mim não dói
talvez em meu outro até doa.
Não confunda a pessoa do artista
com o artista da pessoa.**

ENIGMA

Se é de vidro a casa grande
e é possível quebrá-la,
por que ainda vemos festa,
e não guerra, partir da senzala?





EROS SEM HALO

**o amor não é sacro
o que pode sangrar
jamais será sagrado**

Fardo árduo



*A cadela do fascismo
está sempre
no cio.*

**Depois que ela começa
a transar livremente,
o problema é fazê-la
parar de parir
tantos filhos.**



FLORES DO MAL

flores amorfas
fincadas em meu jardim
há muito precisam de poda
pra que essa noite chegue ao fim
flores sem cores nem nomes
guardam muitos mistérios ruins

FUTURO

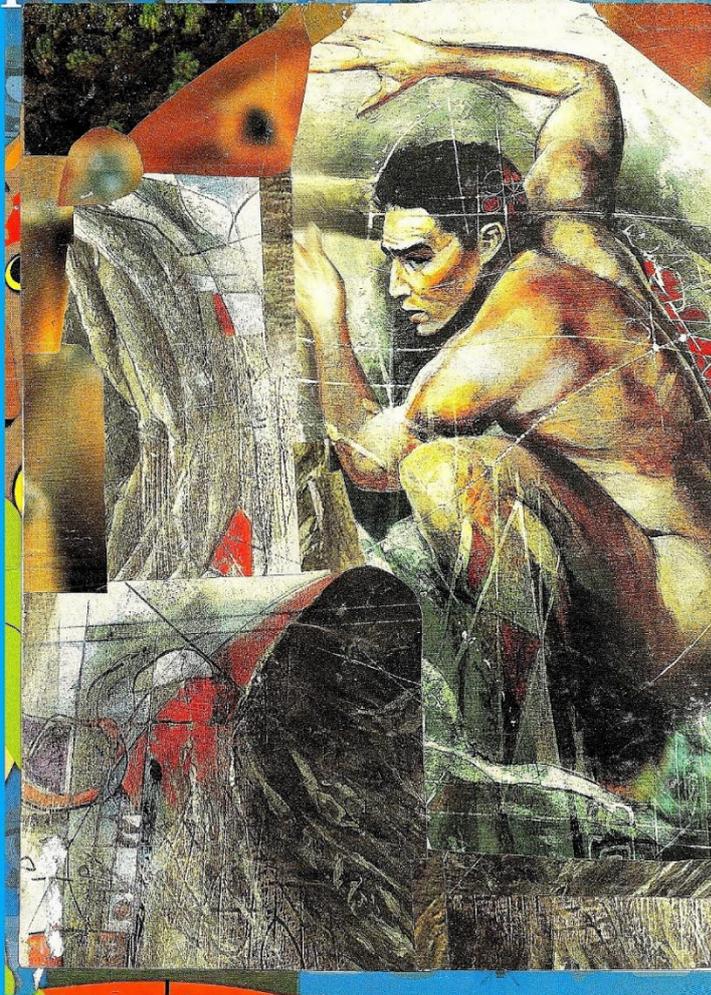
No fim do túnel, vejo um clarão.



**É só um trem desgovernado
vindo em nossa direção...**

Getsêmani

A cruz que mais me dilacera
e que traz maior sofrimento



não é a que o ombro carrega
mas sim a que pesa aqui dentro



Guardada

A pior fera que já vi
é aquela que mora
dentro e não fora
de mim

INEBRILHANTES



O que me entontece
me embriaga:
vinho
versos
a pessoa amada

INOCENTE



Não há crimes perfeitos?

Mas que bobagem...



Roubei beijos.
Extraí sorrisos.
Matei saudades.



E ainda tenho direito
a responder em liberdade!



InsPiração

👁️Lh👁️

no *Kama Sutra*

CORPO

na *CAMA SURTA*

INTERSEXÃO



It's now or never

Hoje é o dia **D**



pra você achar



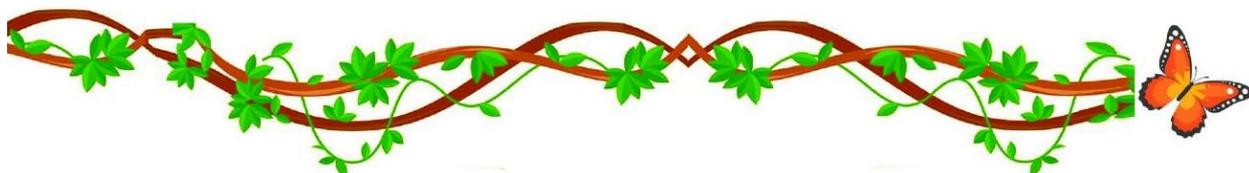
O PONTO **G**



NA HORA



LevitAção



Manter-se leve e voando
é o maior desafio da vida



saber se livrar dos pesos
do parto até a partida

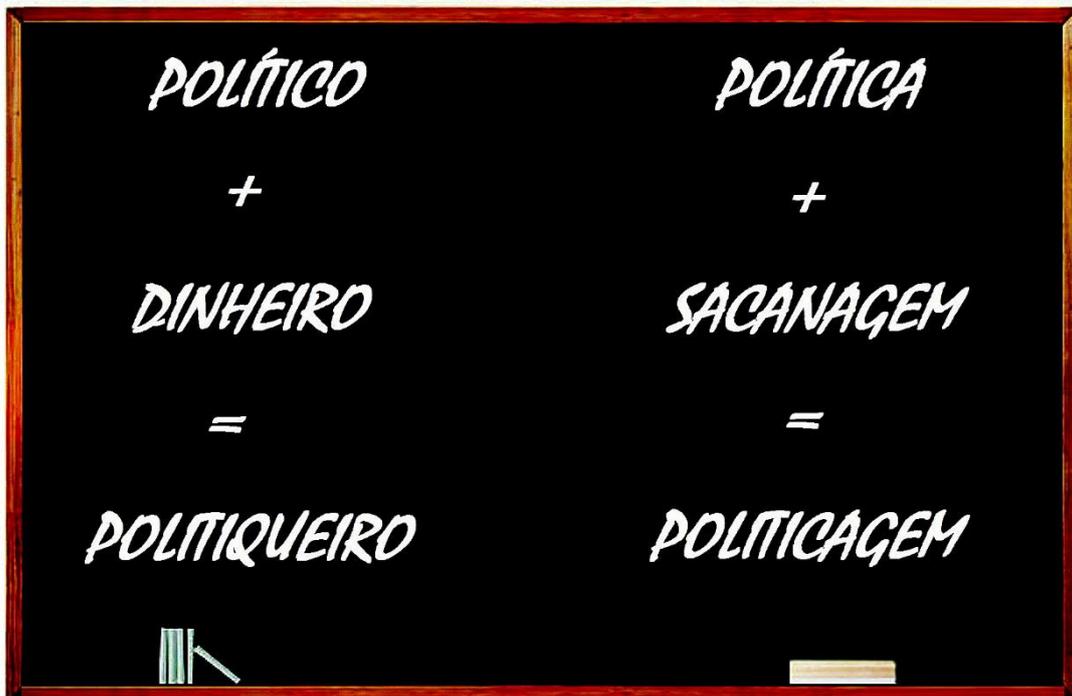




LIVRE

Deus é pai.
O diabo também.
E eu sigo em paz,
filho de ninguém.

MÁ TEMÁTICA





Macronaíma

país surreal:
overdose de euforia
no meio do caos

Má-Fé



Mágica

com as pedras do caminho

fiz bolas de gude



pra brincar no meu parquinho

MAIÚSCULA



às vezes fada
às vezes bruxa

às vezes sacra
às vezes puta

mulher é seta
que enverga
mas não quebra

ponto fora da curva



MANTRA

Depois de percorrer várias estradas,
aprendi a lição de suas curvas:
viver não é evitar tempestades.
É saber como dançar na chuva.

Matrix

olhos brilham
porque não pensam



a paixão é o recreio
da consciência

Mauzebu

**Certos capetas
tiram o inferno
de letra**



M.M.C.

eu sou mínimo



eu sou múltiplo



eu sou comum



mas = a mim



não há nem 1!



O jogo

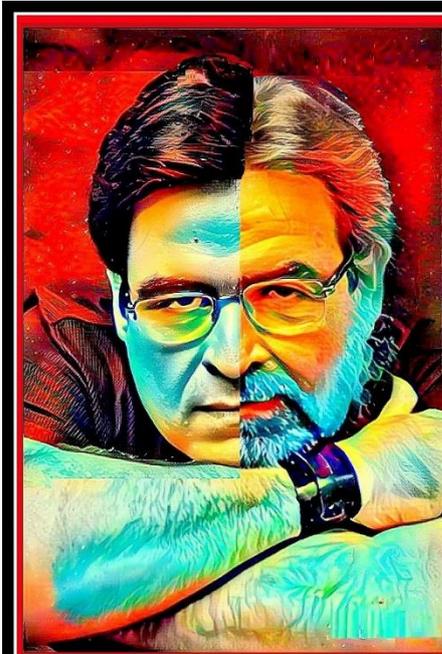
**Se acerto, movimento a pedra do jogo.
Se erro, prossigo, penso, tento de novo.**



**Assim foi, é e para sempre será.
Só não posso parar de caminhar.**

Plenitude

solidão não há mais
se o silêncio
mal já não faz



Proporção inversa

Não tenho medo do tempo.
Quanto mais envelheço por fora
mais me renovo por dentro.



Punhos cerrados

máscaras de ferro
não fecham minha cara
berro até debaixo d'água

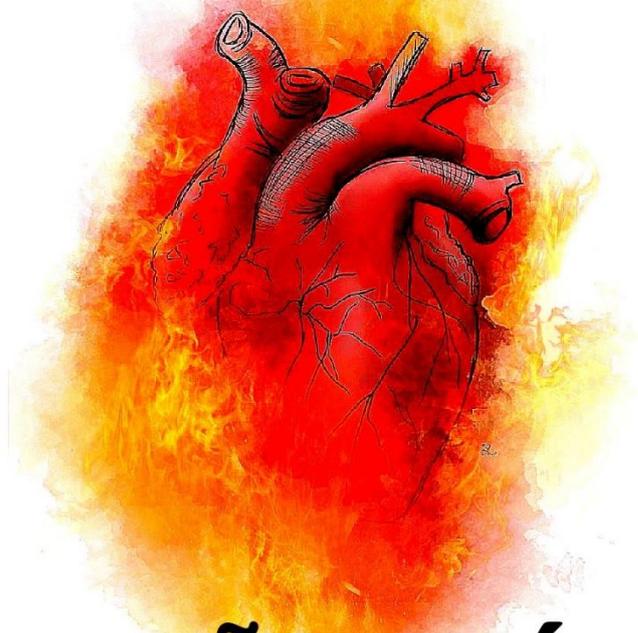
SEM PERDÃO

**Aqueles que lavam as mãos
de costas pro mal que se expande**



**não as lavam com água e sabão
mas sim numa tina de sangue**

SEM SOS
DA SAUDADE
QUE ARDE



NÃO HÁ
QUEM ME SALVE

Sem telescópio

ainda giram ao seu redor
muitas estrelas raras, lindas
não espere o cair da noite
para se dar conta de quais
brilham mais, mesmo que de dia.



SENHA DE ACESSO

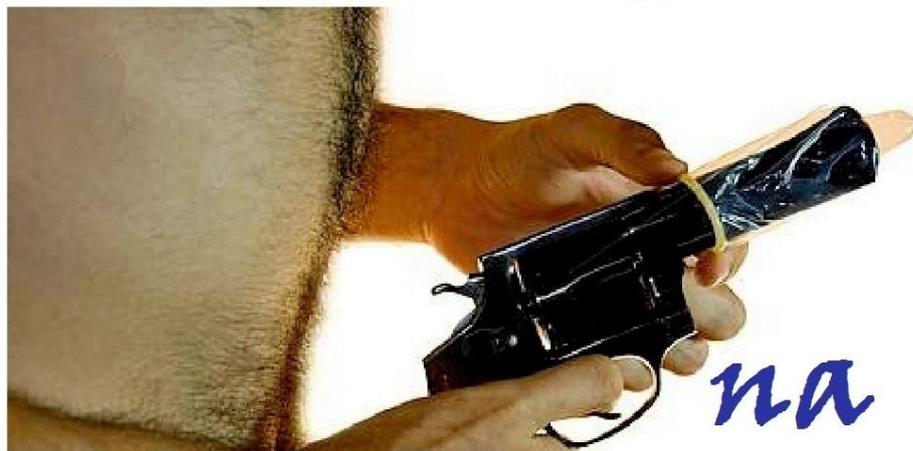
**quem sabe me amar de verdade
primeiro acaricia minha alma**



**pra só depois invadir meu corpo
na mais completa liberdade**

Sexo Seguro

ARMADURA



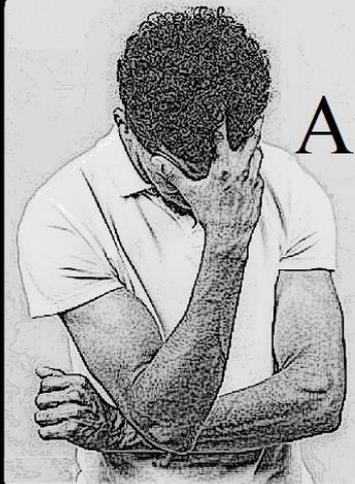
ARMA DURA



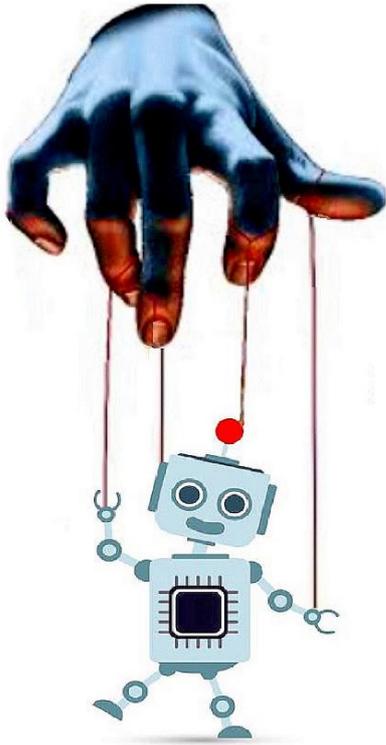
Sisifamente hercúlea

Que triste a nossa sina:
conviver com a morte
todos os dias
e lutar pra mantê-la
esquecida.

SUBZERO



Amar sem ser amado
é tão broxante
quanto um filme
pornô dublado



Teleguiado

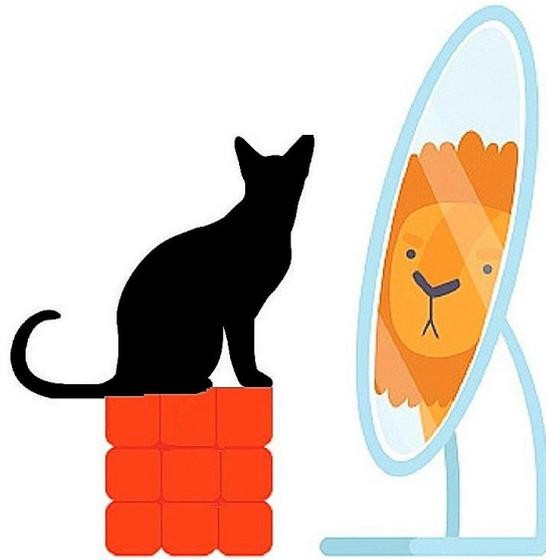
O pior robô que há
é aquele que
se deixou programar

Teoria da relatividade

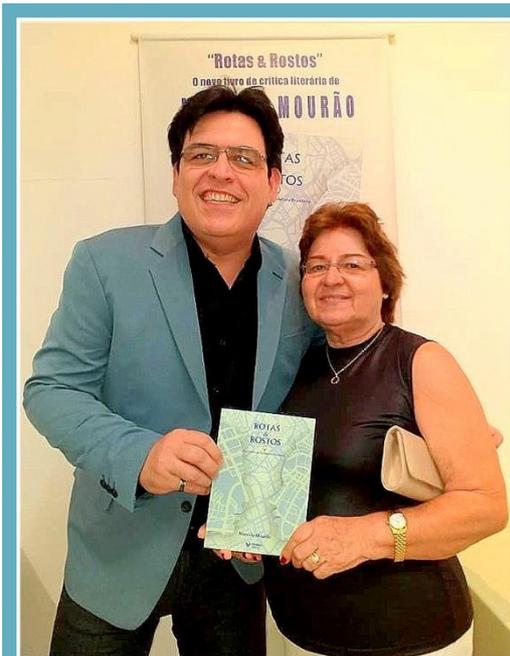


The best(a)

**Se o idiota só se enxerga
como um príncese**



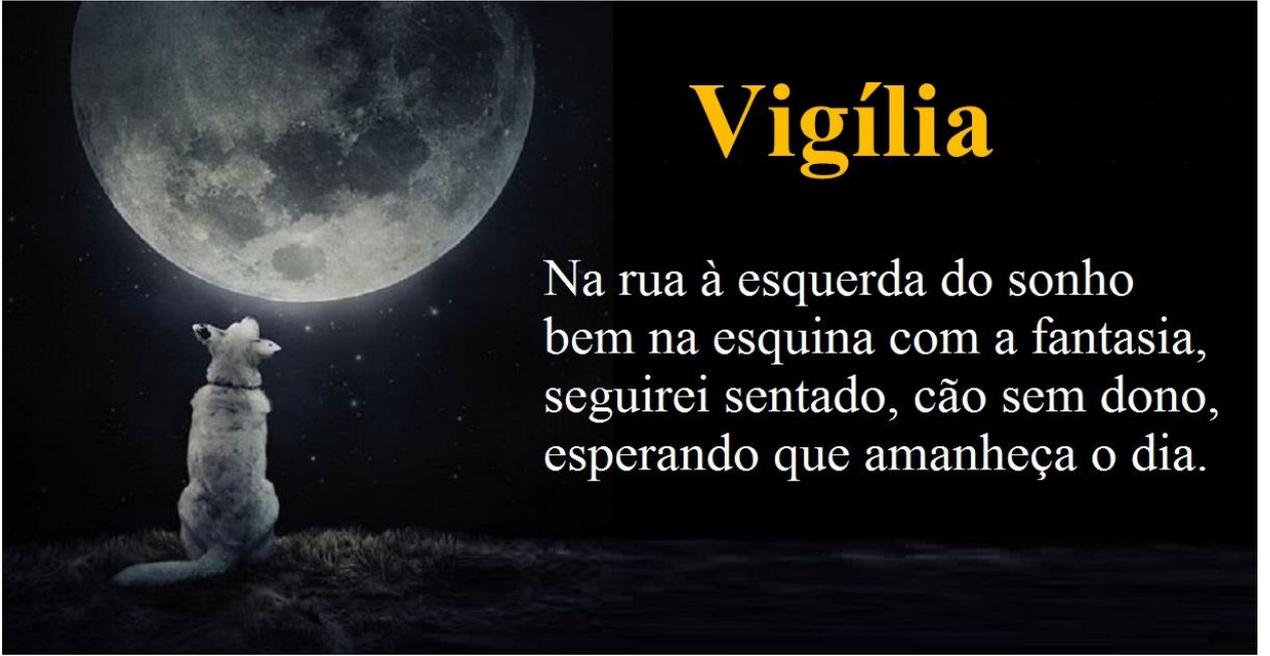
Quem vai contradizê-lo?



TUDO DE BOM

para minha mãe

***mãe tem apenas três letras.
céu, a mesma conta tem.
se o céu possui mil belezas,
milhões, a mãe tem também.***



Vigília

Na rua à esquerda do sonho
bem na esquina com a fantasia,
segurei sentado, cão sem dono,
esperando que amanheça o dia.

Voo livre



tenho voado tão alto
que, nesses últimos dias,
penso, respiro e exalo,
à flor da pele, poesia





Marcelo Mourão estudou História (UFRJ) e Letras (Língua Portuguesa e Literatura) (UNESA). É mestre e doutorando em Literatura Brasileira (UERJ). É também poeta, escritor, pesquisador, crítico literário e produtor cultural. Criou, produz e apresenta o sarau POLEM, iniciado em 2008 no Leme (RJ). Desde 2021, é o vice-presidente da União Brasileira de Escritores (UBE-RJ). Há textos seus publicados em várias antologias, periódicos literários, sites e revistas acadêmicas, do Rio e de outros estados brasileiros. Possui quatro livros solo editados antes deste: *O diário do camaleão*, poesia (2009); *Temas em literaturas de língua portuguesa: os diferentes olhares*, crítica literária (2015); *Máquina mundi*, poesia (2016); e *Rotas e rostos: questões de literatura brasileira*, crítica literária (2019).

Contatos: polem.rio@gmail.com

Créditos (em ordem alfabética)

A girafa – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Amor tece dor – desenhos e arte digital de Marcelo Mourão.

Assombrações – arte final de Marcelo Mourão, resultante da reconstrução quase total de uma imagem presente em inúmeros sites da internet e cuja autoria é ignorada.

Atenção – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Autômatos – arte de Marcelo Mourão feita a partir da célebre foto, de 13 de junho de 1936, que retrata uma grande concentração de trabalhadores do estaleiro Blohm & Voss, em Hamburgo, Alemanha. Realizava-se ali um comício nazista para festejar o lançamento do navio Horst Wessel. Dentre todos os presentes, August Landmesser foi o único a se recusar a fazer a saudação nazista, cruzando os braços em meio à multidão. Um gesto corajoso e ousado, motivado por sua própria trajetória pessoal. A autoria do registro fotográfico é desconhecida.

Autorresgate – foto de Eduardo Reis, feita em 28/5/2019, no saguão de entrada das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA), em Botafogo – RJ. Imagem pertencente ao acervo pessoal do autor.

Baixaltatividade – desenho e arte digital produzidos pelo autor.

Balanço do barco – arte final de Marcelo Mourão sobre a tela *Agnus Dei*, de Francisco de Zurbarán (1598 -1664).

Bicho solto – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Canino – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Castelo de areia – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Comunismo – arte digital produzida por Marcelo Mourão.

Corpo estranho – Os dois primeiros versos deste poema citam a letra da canção *Atrás da porta*, de Chico Buarque. A arte final deste poememe é de Marcelo Mourão, resultante da reconstrução quase total de um meme presente em inúmeros sites da internet e cuja autoria é ignorada. No caso, a imagem foi pesquisada no link:

<https://www.facebook.com/whatsappdogato/photos/assim-mesmo-curta-a-nossa-p%C3%A1gina-/1340631382770608>

Cuidado – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Curupira – arte final de Marcelo Mourão feita a partir de:

Foto de Canudos: autor: Flavio de Barros. *400 jagunços prisioneiros*, de 2 de outubro de 1897. Canudos, Bahia / Acervo Museu da República / Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles.

Pintura: *Tiradentes Esquartejado*, originalmente chamada *Tiradentes Supliciado*, óleo sobre tela de 1893 do pintor brasileiro Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905).

Atualmente, o quadro se encontra no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora (MG). A pintura retrata o corpo, em pedaços, de Tiradentes após o seu enforcamento e esquartejamento. Considerado um dos primeiros quadros ocidentais a retratar um esquartejamento.

Dejetos – foto e arte digital produzidas por Marcelo Mourão.

Descolado – arte de Marcelo Mourão inspirada em desenhos de Sabrina Ancora.

Deslimite – desenho e arte digital feitos pelo autor.

Destempero – desenhos e arte final de Marcelo Mourão inspirado no famoso meme “Deus me criando”, facilmente encontrado em inúmeros sites da internet e cuja autoria é ignorada.

Duelo – arte digital feita sobre foto tirada pela poeta Eliana Calixto, em 30/8/2019, na República dos Poetas, espaço dedicado às artes que era mantido pelo saudoso poeta e professor Marcus Vinícius Quiroga. Nessa ocasião, Marcelo Mourão palestrou sobre o processo de construção do estilo do poeta Paulo Leminski.

Duplo – caricatura produzida por Jeff Fonseca. Arte final: Marcelo Mourão.

Enigma – foto de Tatyane Souza, feita em 2006, no célebre e boêmio bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Imagem pertencente ao acervo pessoal do autor.

Eros sem halo – arte final de Marcelo Mourão, resultante da reconstrução quase total de uma imagem presente em inúmeros sites da internet e cuja autoria é ignorada. Link consultado: <https://br.pinterest.com/pin/734720126685321144>

Fardo árduo – desenho e arte final do autor. Os três primeiros versos citam a célebre frase cunhada por Bertold Brecht.

Flores do mal – arte feita por Marcelo Mourão com a ilustração de Carlos Schwabe, pintor simbolista alemão (1866-1926), para o livro *Les Fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire, na edição francesa de 1900. O nome dessa ilustração é *La Destruction*.

Futuro – desenho e arte digital produzidos pelo autor.

Getsêmani – painel criado por Marcelo Mourão, a partir de colagens, desenhos, pinturas e manipulação digital.

Guardada – desenho e arte final de Marcelo Mourão.

Inebrilhantes – desenho e arte final de Marcelo Mourão.

Inocente – arte digital e desenho elaborados pelo autor.

InsPiração – Fontes de imagens:

Dois olhos – arte de Marcelo Mourão.

Alfabeto humano – <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-povos-vestidos-preto-que-formam-o-alfabeto-da-palavra-ser-humano-image91612724>

Interseção – arte do autor.

It's now or never – arte produzida por Marcelo Mourão, a partir de colagens, desenhos, pinturas e manipulação digital.

LevitAção – arte gestada pelo autor, a partir de desenhos, pinturas e manipulação digital.

Livre – Desenho e arte digital produzidos pelo autor

Má Temática – desenho e arte digital feitos por Marcelo Mourão.

Macronaíma – desenho e arte digital feitos por Marcelo Mourão.

Má-fé – arte feita por Marcelo Mourão com imagens captadas pela fotógrafa Vanessa Angelo. Fotos pertencentes ao acervo do autor.

Mágica – arte feita por Marcelo Mourão a partir de fotos do acervo do autor.

Maiúscula – desenho do símbolo yin-yang, presente na filosofia chinesa, produzido e parodiado por Marcelo Mourão.

Mantra – desenho de Marcelo Mourão baseado na clássica cena protagonizada por Gene Kelly no filme *Singin' in the Rain* (1952), que no Brasil recebeu o título de *Cantando na chuva*.

Matrix – painel produzido por Marcelo Mourão, a partir de colagens, desenhos, pinturas e manipulação digital.

Mauzebu – arte feita por Marcelo Mourão sobre a pintura *Inferno*. Pintada a óleo sobre madeira de carvalho, em 1510-20, por pintor português do qual não se conhece a identidade. Ela teria sido encomendada por clientes conventuais e escondida no acervo do Convento de São Bento da Saúde, onde foi redescoberta em 1834 quando da extinção das ordens religiosas, e se encontra atualmente no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

M.M.C. – desenhos e imagens do autor e/ou feitas por ele, exceto a do rosto em caricatura, produzida pelo desenhista Jeff Fonseca, em 2018. Todas as imagens pertencem ao acervo particular de Marcelo Mourão. O nome do poema, como o leitor pode já supor, é a abreviatura de **Mínimo Múltiplo Comum**, assunto pertencente ao campo da Matemática.

Novo normal – arte digital do autor.

O jogo – arte digital de Marcelo Mourão.

Plenitude – foto e arte digital produzidas pelo autor.

Proporção inversa – arte digital produzida por Marcelo Mourão a partir de foto feita pela fotógrafa Vanessa Angelo. Imagem pertencente ao acervo particular do autor.

Punhos cerrados – foto feita por Louis Allien e arte digital produzida pelo autor. Imagem pertencente ao acervo particular de Marcelo Mourão.

Sem perdão – arte digital produzida por Marcelo Mourão a partir de um desenho dele mesmo.

Sem SOS – arte digital feita por Marcelo Mourão a partir de um desenho dele mesmo.

Sem telescópio – arte produzida por Marcelo Mourão através da reconstrução de uma imagem, sem autoria determinada, colhida na Internet.

Senha de acesso – imagem: painel produzido por Marcelo Mourão, a partir de colagens, desenhos, pinturas e manipulação digital.

Sexo Seguro – foto do acervo de Marcelo Mourão.

Sisifamente hercúlea – desenho e arte digital produzidos pelo autor.

Subzero – desenho e arte final de Marcelo Mourão.

Teleguiado – desenho e arte digital feitas pelo autor.

Teoria da relatividade – arte de Marcelo Mourão criada a partir das fotos das seguintes pinturas e escultura (em sentido horário):

- *A Morte de Sócrates* (no original em francês: *La Mort de Socrate*) é uma pintura óleo sobre tela do francês Jacques-Louis David (1748 - 1825), executada em 1787.

- *Escola de Atenas* (no original em italiano: *Scuola di Atene*) é uma das mais famosas pinturas do renascentista italiano Rafael Sanzio (1483 - 1520) e representa a Academia de Atenas. Foi pintada entre 1509 e 1510.

- *O Pensador* (no original em francês: *Le Penseur*) é uma das mais famosas esculturas de bronze do escultor francês Auguste Rodin (1840 - 1917), que produziu sua primeira versão por volta de 1880, porém só foi apresentada ao público em 1904.

The best (a) – desenho e arte final de Marcelo Mourão.

Tudo de bom – imagem captada, em 18/09/2019, por Tchello D'Barros. Foto pertencente ao acervo pessoal do autor.

Vigília – arte produzida por Marcelo Mourão através da reconstrução de uma imagem, sem autoria determinada, colhida na internet.

Voo livre – desenho e arte digital produzidos pelo autor.

ÍNDICE

Apresentação (por Joaquim Branco)	5
Prefácio (por Luciana Barreto)	6

POEMEMES:

1. A girafa	10
2. Amor tece dor	11
3. Assombrações	12
4. Atenção	13
5. Autômatos	14
6. Autorresgate	15
7. Baixaltatividade	16
8. Balanço do barco	17
9. Bicho solto	18
10. Canino	19
11. Castelo de areia	20
12. Comunismo	21
13. Corpo estranho	22
14. Cuidado	23
15. Curupira	24
16. Dejetos	25
17. Descolado	26
18. Deslimite	27
19. Destempero	28
20. Duelo	29
21. Duplo	30
22. Enigma	31
23. Eros sem halo	32
24. Fardo árduo	33
25. Flores do mal	34
26. Futuro	35
27. Getsêmani	36
28. Guardada	37
29. Inebrilhantes	38
30. Inocente	39
31. InsPiração	40
32. InterseXão	41
33. It's now or never	42
34. LevitAção	43
35. Livre	44
36. Má Temática	45
37. Macronáima	46
38. Má-fé	47
39. Mágica	48
40. Maiúscula	49

41. Mantra	50
42. Matrix	51
43. Mauzebu	52
44. M.M.C.	53
45. Novo normal	54
46. O jogo	55
47. Plenitude	56
48. Proporção inversa	57
49. Punhos cerrados	58
50. Sem perdão	59
51. Sem SOS	60
52. Sem telescópio	61
53. Senha de acesso	62
54. Sexo Seguro	63
55. Sisifamente hercúlea	64
56. Subzero	65
57. Teleguiado	66
58. Teoria da relatividade	67
59. The best (a)	68
60. Tudo de bom	69
61. Vigília	70
62. Voo livre	71
Biografia resumida do autor	72
Créditos	73